

LITERATURA, CRIME E O CARÁTER LACUNAR DA(S) HISTÓRIA(S)

Thayza Matos – UEG
thayzaa.matos@gmail.com¹⁶⁰

Resumo: Essa comunicação pretende refletir sobre o caráter lacunar da(s) história(s) e a ideia de um historiador-detetive através de uma leitura de Paul Veyne, Michel de Certeau e Carlo Ginzburg relacionando-as às narrativas sobre crimes, escritas por Truman Capote: *A sangue frio: relato verdadeiro de um homicídio múltiplo e suas consequências* (1965), Robert Graysmith: *Zodíaco* (1976), e Janet Malcolm: *Anatomia de um julgamento: Ifigênia em Forest Hills* (2011). A partir daí, teceremos reflexões sobre as noções de “romance de não-ficção” e “romance-reportagem”, sobre a concepção de jornalismo literário (ou novo jornalismo), e sobre categorias importantes para se narrar o passado (seja ele recente ou longínquo), como vestígio e prova, talento e estilo, testemunhos e arquivos, ética, justiça e emoção. Desejamos ainda ponderar acerca do evidente interesse e da inegável atração de escritores – e leitores – pela estética da violência, do assassinato, da dor e da morte cruel, especialmente nos Estados Unidos da contemporaneidade, onde os crimes em foco ocorreram, repercutiram, foram investigados e contados em livros.

Palavras-chave: História. Violência. Romance não-ficcional.

Este caso de assassinato não é nada diferente de qualquer outro que julguei. Parece que você pensa que ele é muito extraordinário, não é. A vida de alguém foi tirada, alguém é preso, eles são indiciados, são processados e condenados. Isso é tudo. (Harold Hanophy)

Do ponto de vista do juiz Harold Hanophy, ‘esse caso’ não se diferencia muito dos outros. Mas, tal tecnicismo generalista não convence a Janet Malcom, que chama a atenção de seus leitores para as lacunas, os poros e as fissuras presentes em toda a história apresentada como a *Anatomia de um Julgamento – Ifigênia em Forest Hills*. O assassinato, como presumido em fato, é muito simples: Daniel Malokov, após divorcia-se de Mazoltuv Borukhova, detém a guarda da filha, Michelle. Como é tradicional na guarda de menores do sistema estadunidense, Malakov leva a filha para encontrar a mãe em uma visita semanal supervisionada. Em uma dessas ocasiões, num parque público, Daniel Malakov é assassinado a tiros, atingido no peito e nas costas. Tudo isso na presença de sua ex-mulher, da filha e de algumas poucas pessoas que estavam presentes no parque naquele momento. Mas a dita simplicidade do caso só vai até este ponto. O julgamento realizado para a apuração dos fatos é muito mais abstruso do que o relatado pelo juiz Hanophy, logo acima.

Janet Malcom faz exatamente aquilo que propõe no título de seu romance não ficcional: dissecar o julgamento do autor dos disparos, Mikhail Mallayev e da principal suspeita de orquestrar o crime, Mazoltuv Borukhova. Ao acompanhar o julgamento, a jornalista alcança certo nível de

160 PIBID – CAPES. Membro do Grupo de Pesquisa em Imagens Técnicas – GPTEC

confiança entre os familiares, os advogados e outros envolvidos. Isso a permite ter acesso à história de Borukhova e Malakov, além dos fatores que influenciaram o julgamento, como uma viagem de férias com a família planejada com antecedência pelo juiz e que caiu exatamente no último dia da mãe de Michelle no tribunal.

Malcom escreve sua narrativa de forma a evidenciar os vazios deixados pelos acontecimentos, pelos relatos e pela memória dos envolvidos, aceitando que o “fato em si”, a “verdade” sobre este ou qualquer outro caso é inalcançável. Todas as provas e dados recolhidos durante a investigação pela promotoria acusam principalmente Mikhail Mallayev, o autor dos disparos, mas a única prova que o liga a Borukhova é um registro telefônico no qual constam 91 ligações feitas por ela para o celular do irmão. Tanto nesse quanto em vários outros julgamentos, uma ‘evidência’ como essa é quase a pedra final para o sepultamento do acusado. Borukhova é enfim condenada, e o que temos é o relato de Malcom a respeito de todo esse caso. Uma narrativa permeada por uma lacuna insistente, que sem deixar de nos mostrar que tudo corrobora com a ideia de Borukhova como a mandante do crime, nos faz perceber, simultaneamente, que há uma peça faltando neste tabuleiro.

O uso de “Ifigênia” no título já exhibe a percepção da escritora Janet Malcom sobre o caso. Ifigênia é uma personagem da mitologia grega. Filha de Agmémnon – rei de Micenas e irmão de Menelau – ela é um símbolo do autossacrifício feminino. Agmémnon, ao matar uma corsa em um bosque sagrado à deusa Artemis, provoca a ira desta, que, por sua vez, faz ameaças aos gregos, dizendo que eles perderão a guerra contra Troia. Isso só poderia ser impedido se o rei de Micenas sacrificasse a sua filha, Ifigênia. Agmémnon manda trazê-la ao seu encontro, sem que esta saiba o motivo de sua viagem. E quando o afamado herói grego discute a exigência de Artemis com sua esposa, Climenestra, Ifigênia escuta que o destino de seu povo se encontra em seu próprio destino. Sendo assim, ela decide sacrificar sua vida para salvar os helenos, antes mesmo de seu pai tomar essa decisão¹⁶¹.

Ao fazer referência ao mito de Ifigênia, Malcolm nos leva além de algo tão aparentemente burocrático quanto uma apreciação jurídica e um tribunal. Borukhova durante todo o livro se apresenta como alguém “desconfortável”, estranha em seus costumes, ao pertencer a uma vertente

161 MOLI, Linda. *Il mito di Ifigenia in Eschilo, Euripide e Lucrezio*. In: http://www.academia.edu/2915228/Il_mito_di_Ifigenia_in_Eschilo_Euripide_e_Lucrezio

judaica pouco conhecida e que por seus preceitos a colocam em evidencia. Ela realmente se abstém durante todo o julgamento, até a hora em que é chamada para depor (depoimento este que não a auxilia em nada, pelo contrário). A impressão que se tem é de que ela está realmente se punindo, ou se sacrificando em prol de algo – maior, muito importante – que não temos acesso.

Outra obra analisada nesse artigo é de autoria de Truman Capote, jornalista e romancista, que afirma ter inaugurado o gênero “romance não ficcional” com a obra *A Sangue Frio: Relato Verdadeiro de um Homicídio Múltiplo e suas Consequências*, de 1966, na qual relata o planejamento e o assassinato da família Clutter, em Holcomb, interior do Kansas, em 1959, assim como a repercussões deste para Perry Smith e Dick Hickcock, os autores do crime.

A Sangue Frio conta-nos uma história sobre uma matança que não choca apenas a pacata cidade de Holcomb, mas também todo o país. Se a frieza do crime chamou a atenção do editor da *The New Yorker*, a ponto de enviar um jornalista de tamanho destaque ao local da chacina, foi o envolvimento emocional do autor com os assassinos que transformou sua vivência pessoal, ética e seu trabalho como escritor. Uma das variantes do *American Way of Life* – estilo de vida americano – foi interrompida nesta história em particular. A feliz e tranquila família Clutter se vê destruída sem razões aparentes. Assim, uma cidadela do interior do país, passa a ser referência em violência brutal. O foco da revista *The New Yorker*, que financiou e publicou primeiramente a obra, era estimular Capote a escrever sobre esse caso mostrando como tal evento, o assassinato de uma família inteira dentro de seu próprio lar, em uma fazenda no interior do país, abalou a população daquela região.

Smith e Hickcock haviam se conhecido na Penitenciária Estadual do Kansas cumprindo uma sentença por assaltos. Nesta mesma prisão, Hickcock conheceu um ex-funcionário da família Clutter, que lhe contou com precisão de detalhes a localização da fazenda, a disposição da propriedade, o perfil da família e a existência de um cofre que guardava a fortuna dos Clutter. O plano era rendê-los, levar todo o dinheiro – eles imaginavam que havia por volta de 10 mil dólares, quantia considerável para a época – e, finalmente, assassiná-los.

Dick estava ao volante de um Chevrolet preto quatro portas 1949. Quando Perry entrou no carro, olhou para o banco de trás para conferir se o seu violão estava a salvo; na noite anterior, depois de tocar para um grupo de amigos de Dick, tinha esquecido o violão no carro. Era um velho violão Gibson, lixado e encerado, com um acabamento cor de mel. E havia outro instrumento ao lado dele – uma espingarda calibre 12 tipo *pump-action*, novinha, de cano azul, com uma cena esportiva de faisões em pelo voo gravada na madeira do cabo. Uma lanterna, uma

faca de pesca, um par de luvas de couro e um colete de caça totalmente abastecido com cartuchos eram os elementos que constituíam aquela curiosa natureza-morta. ‘Você vai usar isso?’, perguntou Perry, indicando o colete. Dick bateu com os nós dos dedos no para-brisa, como se fosse uma porta. ‘Desculpe, amigo. Estávamos caçando e nos perdemos. Será que podíamos usar o seu telefone...?’ ‘*Si, señor. Yo comprendo*’ ‘É moleza’, disse Dick. ‘Eu garanto, meu querido, vamos espalhar cabelo pelas paredes de cima em baixo.’¹⁶²

E assim foi feito. A dupla assassinou Hebert Willian Clutter, o pai, Bonnie Clutter, a mãe, Nancy e Kenyon Clutter, os mais novos dos cinco filhos do casal. A grande surpresa dessa empreitada foi descobrir que não havia cofre algum na casa. O Sr. Clutter não tinha o costume de andar com dinheiro nem tampouco de guardá-lo em casa – utilizava comumente cheques. Com isso, a dupla saiu da fazenda com míseros 40 dólares, um rádio da marca Zenith e um par de binóculos.

Além dos itens roubados, por serem de tão pouca importância, o que mais chocou a América foi o modo como foram assassinados. Todos estavam com as mãos amarradas nas costas e foram mortos com alvejados por uma espingarda na cabeça. As mulheres em seus respectivos quartos, e os homens no porão da residência, foram encontrados mortos do mesmo modo que Nancy e sua mãe. O Sr. Clutter ainda teve sua garganta cortada.

Capote levou seis anos para completar sua obra, período em que teve contato com a equipe do KIB (Kansas Bureau of Investigation), responsável pelo caso, com os moradores de Holcomb e, mais importante, com os dois assassinos. O autor criou uma relação de confiança com Smith e Hickcock, o que lhe permitiu ter acesso à versão completa sobre a história do crime sob ponto de vista deles. Nesses seis anos, o processo para a busca e investigação dos culpados contou com a participação até mesmo do FBI. Após as autoridades chegarem aos nomes dos possíveis assassinos, ainda se levou algum tempo para prendê-los, indiciá-los, julgá-los, condená-los, e, por fim, executá-los. Capote esperava a conclusão total da história para assim encerrar seu livro. A coleta de informações e materiais para sua narrativa foi riquíssima, e permitiu que o relato do afetado escritor norte-americano pudesse se desenvolver a seu bel prazer. Ao contrário de Janet Malcom, Truman Capote escreve de modo a não se perceber quaisquer lacunas que os fatos e os relatos possam ter deixado entre si. A narrativa transmite ao seu leitor a sensação de continuidade que não deixa muitos espaços para questionamentos quanto durante a leitura. As lacunas existentes entre um fato e outro, entre os relatos de Dick e Perry são o espaço criativo de Capote.

¹⁶² CAPOTE, Truman. *A Sangue Frio: Relato Verdadeiro de um Homicídio Múltiplo e suas Consequências*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003 p. 45.

Por último, em *Zodíaco*, de Robert Graysmith, um *serial killer* faz com que Los Angeles, uma grande metrópole cosmopolita, também fosse tomada pelo medo e pela paranóia tal qual Holcomb. O pânico instaurado na cidade vai além dos assassinatos, pois é causado principalmente pela promessa de mais crimes, com maiores níveis de crueldade, que são divulgados por meio de cartas criptografadas enviadas pelo suposto assassino para os jornais de maior circulação do condado, como o *San Francisco Chronicles*. Ao enviar tais cartas, *Zodíaco* - como ficou conhecido em virtude do símbolo que usava como sua assinatura e como este se autodenominou - desafia tanto a polícia local quanto o FBI e a CIA com seus códigos, fazendo com que o caso ganhe proporções nacionais.

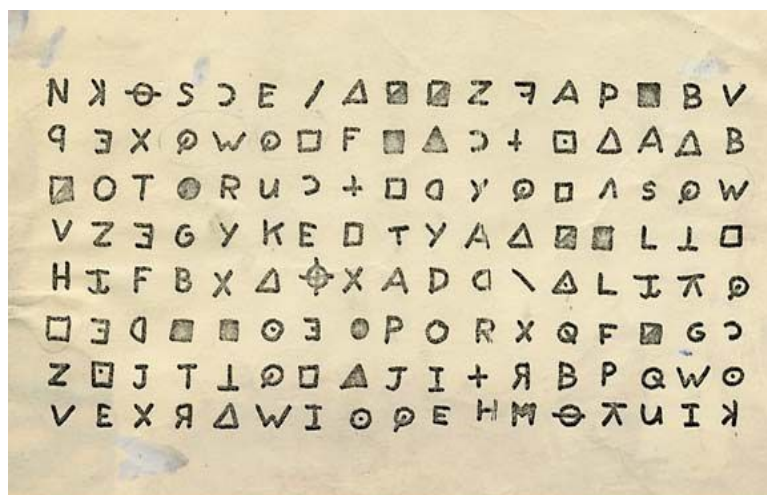
Os assassinatos isoladamente, antes que *Zodíaco* assumisse a autoria destes, eram casos não solucionados, contudo, não provocavam grande alvoroço. As primeiras vítimas foram David Arthur Faraday e Betty Lou Jensen, um casal de adolescentes que ao sair para o primeiro encontro no dia 20 de dezembro de 1968 foi surpreendido pelo homicida à beira do lago Herman Road, em Vallejo. Neste primeiro caso, não existiu sobrevivente. David Faraday foi alvejado com um tiro na cabeça enquanto sua namorada foi acertada com cinco disparos nas costas.

O segundo atentado foi em Blue Rock Springs Park, no dia 4 de julho de 1969, também em Vallejo. Darlene Ferrin e Mike Mageau, 22 e 19 anos respectivamente, foram abordados por *Zodíaco* enquanto conversavam no carro em um estacionamento do campo de golfe. Darlene sofreu cinco tiros e faleceu no local. Mike sobreviveu, apesar dos quatro disparos que o alvejou. Em 31 de julho de 1969, as primeiras cartas foram enviadas anonimamente para os jornais de maior circulação do estado, o *San Francisco Chronicles* e *S.F. Examiner*. Foi por meio destas cartas que o estado da Califórnia conheceu o *serial killer* que ficou famoso por seus códigos e seu codinome. Mas estas não foram às únicas vítimas. Cecilia Shephard e Bryan Hartnell aproveitavam uma tarde ensolarada para fazer um piquenique na península do Lago Berryessa, em Napa, quando foram abordados por um homem encapuzado que tinha em seu casaco o desenho de um símbolo que se baseava em um círculo com uma cruz que ultrapassa suas bordas, como o desenho de uma mira. Bryan e Cecilia foram amarrados e esfaqueados. Bryan Hartnell sobreviveu ao ataque.

A última vítima comprovada do *Zodíaco* foi o motorista de taxi Paul Stine, de 29 anos. Assassinado com um disparo na cabeça na esquina da rua Whashington com Cherry, em São Francisco. Dentro de quatro meses o *serial killer* enviou três cartas ao *San Francisco Chronicles*, a primeira citada acima, a segunda na qual cunha pela primeira vez a famosa frase *This is Zodiac*

*speaking*¹⁶³ e uma terceira com o tecido ensanguentado de Stine. . Cartas e cartões de feriados, como natal e halloween foram mandados para o chefe da policia que investigava o caso e para o pai de uma das vitimas¹⁶⁴.

Figura 1 – Carta codificada enviada aos jornais *San Francisco Chronicles* e *S.F Examiner*.



A carta acima foi solucionada pelo casal Donald e Bettye Harden. Nela, Zodíaco revela seu desejo mordido em assassinar. Fonte: GRAYSMITH, Robert. *Zodíaco*. São Paulo: Novo Conceito, 2011, p. 162.

Robert Graysmith trabalhava como cartunista quando chegou a primeira carta de Zodíaco a redação do jornal *San Francisco Chronicles*. Este ficou tão obcecado pelo caso que começou uma investigação por conta própria. Obteve alguns sucessos nesta empreitada e chegou até mesmo a auxiliar a equipe policial responsável pelo caso. Saiu também na dianteira da averiguação quando decifrou uma das cartas antes mesmo da CIA e do FBI. Zodíaco nunca foi preso, apesar da lista reduzida na qual constava os nomes dos principais suspeitos por falta de provas para a continuação do processo. Essa circunstância também foi corroborada pela situação forense da época, como por exemplo, a inexistência de exames de DNA, o que poderia ter auxiliado na captura deste *serial killer*.

¹⁶³ “Esse é o Zodíaco falando” – tradução nossa.

¹⁶⁴ Todas essas correspondências assim como provas dos assassinatos e o retrato falado feito na época dos crimes podem ser encontradas em anexos do próprio livro de Graysmith, *Zodíaco*, Ed. Novo Conceito, 2007.

A obsessão de Graysmith se transformou em um livro, publicado em 1979, no qual relata todos os crimes em que foi comprovada a autoria de Zodíaco, além de alguns assassinatos não esclarecidos, em que a suspeita, entretanto, recai sobre ele. Sua obra possui uma característica narrativa mais fechada, tal qual o romance não ficcional de Capote, mas apesar de tentar não deixar lacunas, seu livro possui um modo peculiar de fissura narrativa.

A narração dos fatos e das provas está presente, mas ela carece de um “encerramento” do caso, pois o assassino nunca foi encontrado e julgado, o que redundou em uma incrível lacuna, tanto na obra quanto na vida de Graysmith. É interessante pontuar que ele e Capote tiveram suas vidas sugadas pela densidade da pesquisa que levaram a termo para a construção de *Zodíaco* e de *A Sangue Frio*. O envolvimento emocional dos autores fez com que tivessem problemas pessoais, profissionais, éticos. Eles chegam muito perto da ruína para escrever o que muitos críticos colocaram como a obra prima de cada um.

O termo romance de não ficção, ou jornalismo literário, foi cunhado primeiramente por Truman Capote, ao se referir a seu livro aqui analisado. Mas há um debate teórico-literário sobre qual seria realmente a primeira obra desse ‘gênero inaugural’. Daí a disputa entre o autor de *Bonequinha de luxo* e Jonh Hersey com sua obra *Hiroshima*¹⁶⁵, em que valendo-se do testemunho de seis sobreviventes do ataque atômico a tal cidade japonesa, tenta reconstituir a tragédia por eles vivenciada.

Aqui, se faz necessária a compreensão do que vem a ser o jornalismo e como este se desenvolveu ao longo do tempo no mundo. Ao pensar uma breve história do jornalismo, o teórico Ciro Marcondes Filho, em *Comunicação e jornalismo: a saga dos cães perdidos* propõe um quadro da evolução desta área do conhecimento:

Pré-história do jornalismo: de 1631 a 1789. Caracterizada por uma economia elementar, produção artesanal e forma semelhante ao livro.

Primeiro jornalismo: 1789 a 1830. Caracterizado pelo conteúdo literário e político, com texto crítico, economia deficitária e comandado por escritores, políticos e intelectuais.

Segundo jornalismo: 1830 a 1900. Chamada de imprensa de massa, marca o início da profissionalização dos jornalistas, a criação de reportagens e manchetes, a utilização da publicidade e a consolidação da economia de empresa.

Terceiro jornalismo: 1900 a 1960. Chamada de imprensa monopolista, marcada por grandes tiragens, influência das relações públicas, grandes rubrica políticas e fortes grupos editoriais que monopolizam o mercado.

Quarto jornalismo: de 1960 em diante. Marcada pela informação eletrônica e

165 HERSEY, Jonh. *Hiroshima*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

interativa, como ampla utilização da tecnologia, mudança das funções do jornalista, muita velocidade na transmissão de informações, valorização do visual e crise da imprensa escrita.¹⁶⁶

A adoção deste quadro, didático e geral, da evolução do periodismo ignora a abordagem que muitos teóricos têm sobre a existência de um jornalismo na pré-história, período aí tomado em outra acepção (mais recuada e includente), no qual as pinturas seriam um meio de comunicação visual. Também podemos observar nesta descrição a presença de escritores *cult* e renomados romancistas e contistas neste meio, evidenciada desde o “Primeiro Jornalismo”. Essa ‘nobre’ participação de escritores e literatos em redações não é incomum, mas não foi isso que delimitou o que hoje designamos como jornalismo literário. Esta nova vertente trás consigo essa perspectiva de uma produção que vai além da *deadline*¹⁶⁷, deixando de ser prioridade a novidade imediata que tanto atrai o público alvo dos diários e gazetas. Felipe Penna reflete como a obra de um jornalista literário se diferencia de uma reportagem cotidiana por:

não se trata apenas de fugir das amarras da redação ou de exercitar a veia literária em um livro reportagem. O conceito é muito mais amplo. Significa potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lide [...] e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos.¹⁶⁸

Com a liberdade não mais ter que cumprir *deadline* para a publicação seguinte, o jornalista tem a possibilidade de usar das ferramentas corriqueiras da profissão, como a apuração dos relatos, observação dos contextos e principalmente a capacidade de através das palavras escritas expressarem com clareza a mensagem conquistada por meio da pesquisa. Mas é importante observar que muitas vezes a exigência dessa simplicidade na transmissão do conteúdo na reportagem torna-se uma corrente que aprisiona o jornalista. Com o método inventado por reportes

166 MARCONDES FILHO, Ciro. *Comunicação e Jornalismo: A Saga dos Cães Perdidos*. São Paulo: Hacker Editores, 2000. p: 48. – grifo nosso.

167 *Deadline* é um termo geralmente usado para se referir ao prazo limite de entrega das reportagens nos departamentos de redação de jornais e revistas.

168 PENNA, Felipe. *O Jornalismo Literário como Gênero e Conceito*. In: Revista Contracampo. PEREIRA DE SÁ, Simone, PRYSTHON, Ângela e ROXO, Marco. Nº 17, 2007. p: 48, 49. Em: <http://www.uff.br/contracampo/index.php/revista/issue/view/6/showToc>

americanos conhecidos como *Lide*, no qual se recomenda que no primeiro parágrafo da matéria as questões principais na divulgação da informação deverão ser resolvidas para o leitor, tais como *Onde? Como? Quando? Quem? Por que? E o que?* a reportagem nem sempre tem a oportunidade de se aprofundar no tema que aborda. Outro ponto essencial segundo Penna para se compreender este tipo de jornalismo é a perenidade. O romance não ficcional não deve ser iniciado com a mesma pretensão que um jornal diário em que a notícia de ontem não tem finalidade alguma amanhã. A ideia de algo com tamanha importância que permanecerá por um longo tempo, sendo citado e recordado.

Para a concepção de obras deste gênero a preocupação com a preservação dos relatos é uma constante. Mas muitas vezes esse ponto é colocado em xeque ao se ter acesso a alguns livros que são considerados como romances não ficcionais, mas que a interpretação dos fatos pelo escritor põe em dúvida a veracidade do relato. No entanto, a absoluta autenticidade de qualquer fonte – seja esta um documento oficial ou não, é completamente passível de questionamento. Compreender como a mudança na escrita jornalística foi capaz de desenvolver o que chamamos de romance não ficcional é essencial para pensar como as lacunas nas obras aqui trabalhadas são uma espécie de assinatura do autor. Os romances de não-ficção inserem-se numa longa tradição de narrativas indiciárias que não podem prescindir de uma investigação que contempla pesquisas, arquivos de várias ordens, vestígios, entrevistas, testemunhas e provas a fim de que hipóteses se transformem em uma trama construída a partir de “relatos verdadeiros”. Estes, por sua vez, são reconhecidos como lugares abertos e sancionados ao espetáculo da violação da lei penal e moral, que é tão pop quanto político, tão repulsivo quanto fascinante, tão sedutor quanto absurdo.

REFERÊNCIAS

- CAPOTE, Truman. *A Sangue Frio: Relato verdadeiro de um homicídio múltiplo e suas consequências*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- GRAYSMITH, Robert. *Zodíaco*. Ribeirão Preto, SP: Novo Conceito Editora, 2011.
- HERSEY, Jonh. *Hiroshima*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- MALCOLM, Janet. *Anatomia de um Julgamento: Ifigênia em Forest Hill*. 1ª edição. São Paulo. Ed. Companhia das Letras, 2002.
- MARCONDES FILHO, Ciro. *Comunicação e Jornalismo: A Saga dos Cães Perdidos*. São Paulo: Hacker Editores, 2000.
- PENA, Felipe. *O Jornalismo Literário como Gênero e Conceito*. In: Revista Contracampo.
- PEREIRA DE SÁ, Simone, PRYSTHON, Ângela e ROXO, Marco. Nº 17, 2007. Em: <http://www.uff.br/contracampo/index.php/revista/issue/view/6/showToc>
- MOLI, Linda. *Il mito di Ifigenia in Eschilo, Euripide e Lucrezio*. In: http://www.academia.edu/2915228/Il_mito_di>Ifigenia_in_Eschilo_Euripide_e_Lucrezio
- DE LUCA, Tania Regina. “História dos, nos e por meio dos periódicos”. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2008.
- DARTON, Robert. *O Beijo de Lamourette: Mídia, Cultura e Revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- KAPUSCINSKI, Ryszard. *Minhas Viagens com Heródoto: Entre a História e o Jornalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- MALCOLM, Janet. *O Jornalista e o Assassino: Uma Questão de Ética*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.